

SVIDERCOSCHI, Gian Franco, **Me duele la Iglesia. Dudas y esperanzas de un cristiano en crisis**, San Pablo (www.sanpablo.es), Madrid, 2012, 151 p., 135 x 210, ISBN 978-84-285-3965-4.

Gian Franco Svidercoschi é periodista e foi subdiretor do *L'Osservatore Romano* e colaborador de João Paulo II no livro *Dom e mistério*. Acompanha de perto, com o sentido de observação próprio da profissão que exerce, a vida da Igreja. Dele já aqui se apresentou uma biografia daquele papa, *Um Papa que no muere. La herencia de Juan Pablo II* (vd. *Theologica* 45 (2010) 220).

No livro agora publicado dá conta da sua dor e da sua preocupação pelos caminhos que a Igreja está percorrendo, caminhos semeados de escândalos por parte de muitos dos seus filhos, incluindo sacerdotes e bispos, e sem que possa ficar ilibada a própria Cúria romana. Tem em vista casos concretos de vária ordem, com relevo para os de pedofilia, que a doentia comunicação social tem explorado como se sabe e que alguns grupos políticos, económicos e culturais aproveitam para restringir o espaço de autoridade moral que a Igreja detinha. Os crentes, sobretudo os mais influenciáveis pela propaganda mediática, andam desorientados. Bento XVI tem tido necessidade de causticar alguns episcopados pela sua negligência. Alguns bispos e até cardeais tiveram que ser destituídos das suas funções, em regra sempre por coisas relacionadas com escândalos sexuais, mas também com outros do foro financeiro pelo meio. A Cúria romana não pode deixar de ser acusada de arrivismo por parte de alguns dos seus membros.

No seu esforço por ler os sinais dos tempos e nas suas reflexões, o autor não deixa de pôr a pergunta: Qual o desígnio de Deus, que tudo sabe e sempre respeita

a liberdade dos homens, tem ao permitir que tudo isso aconteça? Presumivelmente, Ele estará a fazer ver que tudo isso tem origem na dureza do coração, e que por conseguinte do que a Igreja está carecendo é de uma verdadeira conversão, remetendo-se aos caminhos da santidade e renunciando, além do mais, às suas antigas estruturas clericais e autoritárias, mais evangelizadora da cultura hostil que está aí do que permeável às suas nefastas influências. É certo que Bento XVI tem procurado orientar com clareza e firmeza os caminhos da Igreja, tendo inclusivamente tomado algumas decisões corajosas. Apesar disso, ela parece continuar prisioneira da crise, caminhar com passo demasiado lento, sempre mais prudente que ousada. Nem sempre tem tido a ajuda necessária por parte da Cúria romana nem do episcopado. E pode mesmo dizer-se que as reformas propostas e desejadas pelo Vaticano II se encontram apenas a meio caminho.

No fundo, pensa e bem Sivercoschi, do que a Igreja está precisando, a todos os níveis, é mesmo – mais que de reformas, penas canónicas, etc. – de retomar os caminhos da santidade que, mais que reforma, reclamem uma verdadeira renovação e revitalização.

JORGE COUTINHO

THEOLOGIA

MARION, Jean-Luc, **Le Croire pour le voir. Réflexions diverses sur la rationalité de la révélation et l'irrationalité de quelques croyants**, coll. «Communio», Éditions Parole et Silence, Paris, 2010, 224 p., 235 x 150, ISBN 978-2-84573-833-1.

O subtítulo deste livro de Jean-Luc Marion, sendo paradoxal, é ao mesmo tempo revelador. Com efeito, a ideia de fundo que atravessa as páginas do mesmo livro e que confere unidade à diversidade dos temas nele versados em diversas ocasiões e obedecendo a diferentes solicitações é a de uma continuidade de fundo entre a razão (que vê) e a fé (que crê). Trata-se de uma coletânea de «escritos de ocasião», como o próprio Jean-Luc se exprime, produzidos num amplo arco de tempo, entre 1979 e 2009 e já publicados em vários lugares, com destaque para a revista católica internacional *Communio*, de que foi um dos fundadores. O seu propósito essencial é o de mostrar que a fé e a razão não apenas se contradizem hoje muito menos que nunca, mas, mais que isso, a questão do suposto conflito entre as duas é destituído de sentido e nem sequer deveria pôr-se.

Pensar que a razão esbarra com limites para além dos quais o que há é o espaço da irracionalidade não só não faz sentido como acaba por produzir aquilo que ele chama os «pesadelos ideológicos». A ideologia é, como se sabe, um corpo de pensamento na base da irracionalidade, um «credo» (político, religioso ou o que for) para o qual se evita buscar e dar razões. Por outro lado, porém, pensar que se perde a fé por excesso de racionalidade é supor que se perde razão para ter fé.

Sem o nomear expressamente, mas certamente tendo a conhecida obra de Kant (*A religião nos limites da simples razão*) na sua mente, J.-L. Marion denuncia a sem razão da expressão «simples razão». Não se pode, com efeito, falar de limites sem de algum modo os transgredir. E essa transgressão, por mais crítica ou desconstrutiva que se reclame, faz-se sempre na continuidade exercida da razão. Funda-se assim a vontade de verdade na base da vontade de poder. É assim que está procedendo o niilismo do

nosso tempo. É assim que «o contrário da fé não consiste tanto na dúvida, na menos crença ou na descrença, mas na má fé» (p. 11). Má fé que não é (já) razão mas ainda fé. Esse contrário é justamente a ideologia, que «se alimenta das doenças da racionalidade» (*ibid.*).

O caso é que, argumenta o mesmo pensador, de duas uma: ou a fé ocupa o lugar da razão – quando esta tem dificuldade em chegar à evidência (ao ver) –, admitindo-se comumente graus de racionalidade, como a crença e a opinião, ou diremos que a fé aumenta à medida que aquele que crê (que adere com a sua vontade a um enunciado) vê a sua crença mais sustentada por razões de crer. Em ambos os casos, estamos em face de uma continuidade entre a razão e a fé. Citando Agostinho, em parte reasumido por Anselmo de Cantuária: «Compreender é a recompensa da fé. Por isso, não procures compreender para creres, mas crê para compreenderes, pois “se não acreditardes, não compreendereis”» (p. 12).

Na realidade, aquilo que muitas vezes é dado como dogma, totalmente para além da razão, fundado (no caso da religião cristã) numa suposta Revelação, não é para além da razão, sem mais. É antes algo que dá razão de certos fenómenos, justamente aqueles que nos afectam de mais perto e que Pascal incluiria na terceira das suas três «ordens», a do «coração».

Jean-Luc Marion, como é próprio dos verdadeiramente grandes pensadores, considera que tudo isto (que é o conteúdo dos seus ensaios aqui coligidos) é uma banalidade. Que todavia pode ser de utilidade para muitos. Em particular, neles devem ser incluídos quantos se dedicam à problemática da chamada teologia fundamental.

JORGE COUTINHO